

## Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Ordenação textual: razões, princípios e marcadores. In CESAROLI, Josianne Francia e SEIXAS, Jacy Alves de. **UFU, ano 30 - tropeçando universos (artes, humanidades, ciências)**. Uberlândia, EDUFU, 2008. p. 353-371.

# Ordenação textual – razões, princípios e marcadores<sup>1</sup>

Luiz Carlos Travaglia  
Instituto de Letras e Linguística

## 1. Introdução

Os textos em nossa língua se organizam sequencialmente no tempo, ou seja, a cadeia lingüística se desenvolve no tempo, devido ao caráter linear do significante lingüístico, conforme já ensinava Saussure<sup>2</sup>. Mas esta dimensão temporal não é a única presente nos textos, pois, na verdade, ao construir e compreender os textos trabalhamos com três dimensões temporais: a) aquela da linearidade da cadeia lingüística que se desenvolve no tempo; b) aquela em que se registra o tempo cronológico de ocorrência das situações<sup>3</sup> de que se fala no texto; c) aquela relativa ao momento de produção/recepção da cadeia lingüística.

Essas três dimensões mantêm correlações entre si criando fatos sobre tempo e ordenação, cuja importância é inegável para a descrição da língua e a compreensão de como esta e os textos que nela produzimos se organizam e funcionam. Inicialmente falaremos das três dimensões temporais existentes nos textos e de suas correlações e a seguir focalizaremos o objetivo básico desse artigo que é apresentar resultados de estudo sobre a ordenação textual, relativamente a dois aspectos: a) as razões e princípios da ordenação textual; b) os marcadores de ordenação textual que os produtores de texto usam na superfície textual.

## 2. Ordenação e tempo

Nos textos a ordenação é um fato de seqüenciamento que caracteriza o que se pode chamar de dimensão temporal do discurso e do texto e é por ela caracterizada. Essa dimensão temporal é estruturada em três planos distintos de relações temporais que designamos de: a) tempo referencial; b) tempo do texto e c) tempo da enunciação<sup>4</sup>.

O *tempo referencial*, que também pode ser chamado de tempo cronológico das situações, é o tempo de ocorrência ou de realização das situações no mundo real dado como “momentos” da sucessão cronológica. Esse tempo dá a ordem (cronológica) em que as situações ocorrem no mundo real, lembrando que elas podem ser seqüentes (anteriores ou posteriores umas às outras) ou simultâneas.

O *tempo do texto* indica relações temporais entre segmentos (palavras, sintagmas, orações, frases, parágrafos, etc.) da seqüência lingüística que constitui o texto em sua linearidade. Refere-se, pois, ao que vem em primeiro, segundo, terceiro, etc. lugar na linearidade textual, dando a ordem em que as situações abordadas aparecem no texto, como elas estão distribuídas na superfície linear do texto.

O *tempo da enunciação*, também chamado de tempo da fala, é o tempo, o “momento” em que a formulação lingüística (palavras, sintagmas, orações, frases, etc.) é produzida (falada, escrita) ou recebida (ouvida, lida) pelos usuários do texto. No caso da escrita ou de gravações o intervalo de

tempo entre a produção e a recepção do texto não altera as relações temporais.

O tempo da enunciação se relaciona com o tempo referencial. Nessa relação, as situações são apresentadas como tendo ocorrência anterior (passado), simultânea (presente) ou posterior (futura) ao momento da enunciação. Essa relação é que nos levou a distinguir em Travaglia<sup>5</sup> entre descrições, dissertações e narrações passadas, presentes e futuras e a registrar que cada tipo tinha relações preferidas entre tempo da enunciação e tempo referencial, ou seja, relações de uso mais freqüente no português: descrição passada e presente; dissertação presente e narração passada e presente (esta sobretudo quando se refere a fatos passados como simultâneos ao momento da enunciação para produção de diferentes efeitos de sentido: vivacidade, dramaticidade, etc.). A relação entre o tempo da enunciação e o tempo referencial é marcada por elementos dêiticos como os tempos verbais e alguns advérbios (hoje, agora, etc.).

O tempo da enunciação se relaciona também com o tempo do texto, marcando segmentos da seqüência lingüística como anteriores, simultâneos ou posteriores na cadeia lingüística a um outro ponto da mesma seqüência e ao “momento” em que este é utilizado (produzido/recebido) pelos usuários da língua. Essa relação é marcada por diversos elementos ordenadores entre eles os tempos verbais (sobretudo de verbos enunciativos: falar, dizer, replicar, etc., mas também de outros, como aqueles cujo sentido tem a ver com formas de desenvolver ou encarar um tópico: considerar, tratar, retomar, etc.) numa espécie de uso anafórico (ver exemplos 1 a 3) e alguns outros elementos quase sempre de valor temporal (antes, depois, anteriormente, etc.)<sup>6</sup>. Ao falarmos da ordenação no texto, retomaremos o uso desses marcadores.

(1) Já **falamos** que as formas e categorias verbais podem ter diferentes papéis. (Isto é, essa idéia já foi apresentada num ponto deste texto anterior — passado — ao “momento” em que se formula este segmento. Essa relação é reforçada pelo advérbio “já”).

(2) **Estamos considerando** as alternativas econômicas para o Brasil e não os erros do passado. (Isto é, na fala ou escrita que se produz no atual - presente – “momento” de enunciação o assunto é X e não Y).

(3) **Trataremos** desta questão no próximo capítulo. (Isto é, este assunto será abordado em um ponto deste texto posterior — futuro — ao “momento” em que se formula este segmento).

O verbo “retomaremos” no final do parágrafo que antecede os exemplos (1) a (3) tem o mesmo uso de “trataremos” no exemplo (3).

Temos também a relação entre o tempo referencial e o tempo do texto. O que se observa, nos textos em que aparece uma sucessão referencial das situações (como na narração), é uma tendência para que a ordem das situações no texto reproduza a ordem de ocorrência das mesmas no mundo real<sup>7</sup>, estabelecendo-se uma isomorfia entre o tempo referencial e o do texto, naturalmente via mediação do usuário<sup>8</sup> que estabelece um mundo textual a partir da sua perspectiva. Quando tal isomorfia é rompida por qualquer razão, aparecem no texto marcas e pistas (formas e categorias verbais; elementos adverbiais: advérbios, adjuntos adverbiais; preposições; conjunções) e outros elementos

como datas e o próprio conhecimento de mundo que permitem ao usuário do texto restabelecer a correspondência entre a ordem de ocorrência das situações no tempo referencial e a ordem em que elas são apresentadas no texto, dada pelo tempo textual<sup>9</sup>.

O jogo entre ordem referencial das situações e ordem das situações no texto é muito importante no processo de produção e compreensão do mesmo, portanto em seu funcionamento discursivo, sendo um dos elementos a ser considerado no estabelecimento da coerência e, portanto, do efeito de sentido que se produz entre usuários. A importância dessa relação é tal que chega a merecer comentários dos usuários dos textos como o que faz Saramago, em seu romance *A Jangada de Pedra*, sobre a problemática lingüística para representar a relação entre as duas dimensões temporais que resulta na relação entre as ordenações referencial e textual das situações e os diferentes efeitos conseqüentes às diferentes maneiras de registrar no texto essa relação:

Difícilimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou, se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim, mas por muito que se esforcem os autores, uma habilidade não podem cometer, pôr por escrito, no mesmo tempo, dois casos no mesmo tempo acontecidos. Há quem julgue que a dificuldade fica resolvida dividindo a página em duas colunas, lado a lado, mas o ardil é ingênuo, porque primeiro se escreveu uma e só depois a outra, sem esquecer que o leitor terá de ler primeiro esta e depois aquela, ou vice-versa, quem está bem são os cantores de ópera, cada um com a sua parte nos concertantes, três quatro cinco seis entre tenores baixos sopranos e barítonos, todos a cantar palavras diferentes, por exemplo, o cínico escarnecendo, a ingênua suplicando, o galã tardo em acudir, ao espectador o que lhe interessa é a música, já o leitor não é assim, quer tudo explicado, sílaba por sílaba e uma após outra, como aqui se mostram. Por isto é que, tendo-se falado primeiro de Joaquim Sassa, só agora se irá falar de Pedro Orce, quando lançar Joaquim uma pedra ao mar e levantar-se Pedro da cadeira foi tudo obra de um instante único, ainda que pelos relógios houvesse uma hora de diferença, é o resultado de estar este em Espanha e aquele em Portugal.<sup>10</sup>

Como se vê, quando se fala em correspondência entre ordem referencial e ordem textual não se trata de equivalência cronométrica, mas de uma apresentação tal das situações no texto que seja possível perceber o mundo textual como comparável ao mundo real que foi transformado no texto pela atuação comunicativa de seus usuários.

Neste artigo tratamos mais detidamente dos fatos ligados à ordenação no texto, à ordem em que as situações aparecem na seqüência linear da superfície do texto, mas por vezes se torna necessário referir a fatos e relações com a ordenação referencial.

### **3. Ordenação textual**

#### *3.1 - Preliminares*

Já dissemos em 2 o que se entende por ordenação textual. Ela é ligada ao tempo do texto e é a ordem em que as situações aparecem na seqüência linear da superfície textual. Aqui vamos enfocar

sobretudo duas questões relativas à ordenação textual. A primeira diz respeito às razões pelas quais as situações são apresentadas em uma dada ordem no texto. A segunda se refere à presença no texto de elementos lingüísticos, de marcas que se relacionam com a ordenação textual, ou seja, que funcionam como marcadores de ordem textual.

### *3.2 - Razões e princípios da ordenação textual*

A ordem em que as situações aparecem nos textos é determinada por diferentes tipos de razões que podem atuar isoladamente ou em conjunto. Essas razões, de acordo com sua natureza, podem ser dadas por questões ligadas a fatos: 1) de indicação da cronologia de realização das situações no mundo real (ordenação referencial); 2) de relevância; 3) de busca de determinados efeitos que poderíamos chamar de estilísticos; 4) de argumentação; 5) de cognição; 6) de natureza pragmática ou prática; 7) de percepção das situações expressas no texto.

O que se observa é que, independente do tipo de razão que leve até ela, a ordem, a seqüência em que as situações se apresentam na linearidade textual sempre se estabelece em função da intencionalidade em sentido amplo<sup>11</sup>, ou seja, de uma certa forma todas as razões se subordinam a razões de argumentatividade que, pelo menos no atual estágio, parecem difíceis de organizar em leis gerais, em regularidades. Todavia, algumas diretrizes ou princípios já podem ser esboçados.

3.2.1 - No que se refere à indicação da ordem referencial nos textos em que ela é possível (sobretudo os narrativos), percebe-se que a tendência é para haver isomorfia entre a ordem referencial das situações e sua ordem textual. Quando esta isomorfia não acontece, normalmente isto se deve à interferência de um outro tipo de razão, como a busca de efeitos estilísticos ou questões de relevância, por exemplo. Assim, o princípio básico para a ordenação textual em função da cronologia das situações deve ser algo como (I).

(I) Apresente as situações no texto na mesma ordem cronológica de ocorrência real ou potencial das situações reais. Se, por alguma razão, não atender este princípio, deixe marcas/pistas no texto que permitam recuperar a ordem de ocorrência das situações.

Tal princípio é altamente operante nos textos do tipo narrativo da espécie história<sup>12</sup> e sobre a ordenação referencial de situações nos textos tratamos longamente em Travaglia<sup>13</sup>.

3.2.2 - A relevância das situações é um fator importante na ordenação textual das mesmas e sua atuação se rege por um princípio que poderíamos expressar como em (II).

(II) Coloque em primeiro lugar no texto o que for mais importante ou relevante.

Van Dijk<sup>14</sup>, estudando as notícias de jornal e sua estrutura, diz, às páginas 170 e 171, que a ordenação dos acontecimentos no relato das notícias não é cronológica, mas de relevância, ao contrário dos outros gêneros narrativos. Para ele, isto é válido não só para a reportagem como um todo, mas também para suas partes, o que cria uma estrutura temática parcelada e em ziguezague. Um dos traços do que é mais importante para a reportagem é o fato de a situação ser bem recente, o

que faz com que o que vem em primeiro lugar no texto sejam as últimas situações de uma seqüência cronológica. Observe-se, no anexo 1, que na ordenação referencial das situações do texto “Sem apoio Botha renuncia na África do Sul” a primeira situação no texto (renunciou) é a nona na ordem cronológica, mas vem em primeiro lugar no texto por ser a mais importante informação da notícia.

A relevância parece ser fundamental na ordem textual de textos injuntivos que não constituem um plano. Esse é o caso em textos educativos como o texto “Neblina na pista: redobre a atenção”<sup>15</sup>, onde os conselhos parecem ser dados em ordem de importância na medida em que devem ser lembrados. Roteiros de turismo (normalmente uma combinação de dissertação, descrição e injunção) dizem primeiro o que é mais importante ver e fazer e depois outras opções. Isto pode ser observado também em reportagens de turismo como “Bali”<sup>16</sup> que dão a idéia básica do passeio e depois seus desdobramentos. Em “Bali” há também ordenação cronológica, pois sugere-se a distribuição do que ver e fazer pelos dias da viagem.

Em textos dissertativos também atua a relevância na ordenação textual. Veja-se, por exemplo, o texto “A questão ecológica”<sup>17</sup>, que inclusive começa por uma expressão estabelecadora de relevância: “Tem especial interesse”.

3.2.3 - Embora seja difícil comprovar, parece que nas descrições podemos levantar a hipótese de que o texto apresenta primeiro o que é mais relevante para o produtor, porque lhe chama mais a atenção sendo percebido primeiro. Para Orlandi<sup>18</sup>, como na descrição o enunciador se coloca na perspectiva do espaço (ao contrário da narração onde a perspectiva é a do tempo referencial), a ordenação que fica é só a do discurso (talvez seja, melhor dizer do texto) porque na descrição o tempo é só o da enunciação: já que as situações são simultâneas “o que vem depois é só o que é dito depois”. Mas, por que é dito depois? Parece que é porque é percebido depois, porque chama menos a atenção, sendo menos importante para o produtor do texto. Assim fica a hipótese de que a ordenação textual na descrição é basicamente resultado de um misto de relevância e percepção das situações, sem excluir outras causas, mesmo a cronológica como no texto “A Festa de Santa Efigênia”<sup>19</sup>.

Dowty<sup>20</sup> propõe que, em trechos descritivos inseridos na narração, a ordem em que as situações (para ele estados sobrepostos no tempo referencial) são registradas no texto é determinada pragmaticamente pela ordem em que um hipotético observador (que pode ser o narrador ou o personagem de cujo ponto de vista a narrativa é construída) as percebe. Dowty dá o exemplo que reproduzimos traduzido em (4). Veja as situações em negrito.

(4) Maria entrou no gabinete do presidente. Uma cópia do orçamento **estava** sobre a escrivaninha do presidente. O conselheiro financeiro do presidente **permanecia de pé** ao lado dela. O presidente **estava sentado olhando** admirado para ambos. O conselheiro falou.

No trecho descritivo do conto “Passeio Noturno” de Rubem Fonseca<sup>21</sup>, transcrito em (5), podemos tomar como evidência de que a percepção funciona como elemento que determina o registro de uma determinada situação no texto e em uma certa ordem, o fato de que o narrador (que é o protagonista), na montagem da descrição introduzida por “vi”, repete a mesma situação, utilizando

sinônimos (caminhava apressadamente e andava depressa), como se por duas vezes, ele tivesse notado (percebido, registrado) o mesmo fato por ele ser importante para o que pretendia fazer: atropelar a mulher.

(5) Então vi a mulher, [...] Ela **caminhava** apressadamente, **carregando** um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, **estava** de saia e blusa, **andava** depressa, **havia** árvores na calçada de vinte em vinte metros, [...].

A ordem de percepção é importante também na narração presente, já que aí o tempo da enunciação coincide com o referencial do acontecimento relatado. Neste caso, temos um misto de cronologia e percepção, já que os acontecimentos são relatados à medida que vão ocorrendo e sendo percebidos. Pode-se propor, como hipótese de estudo, um princípio de ordenação textual como o de (III).

(III) Apresente as situações no texto na ordem de sua percepção, quando não houver outra razão mais forte.

Este princípio teria efeito semelhante a (I), uma vez que se postule que situações são percebidas à medida que ocorrem no tempo. Todavia (III) é mais amplo, porque não se refere apenas a situações seqüenciadas cronologicamente, mas se aplica também a situações referencialmente simultâneas, como nas descrições e dissertações. A ordem de percepção pode ser a real ou aquela que o produtor do texto quer fazer crer que seja a ordem de percepção e, neste caso, já estaríamos passando para um plano mais ligado à argumentatividade.

3.2.4 - Apenas como exemplo de ordenação textual para produção de certos efeitos que estamos chamando de estilísticos, podemos citar a inversão de situações ou de blocos delas na narração para criar suspense na história. Talvez se possa incluir aqui as figuras de linguagem por transposição estudadas pela teoria literária, quando a transposição ou inversão se dá entre situações<sup>22</sup>. Aqui pode-se estudar, por exemplo, se, nas narrações, há regularidades entre formas de inversão das situações e certos efeitos, como o suspense ou se perguntar, por exemplo, que efeitos pode produzir a antecipação de situações no tempo referencial da história dentro do texto.

3.2.5 - A argumentação pode influir na ordenação textual das situações segundo um princípio como o de (IV).

(IV) Apresente as situações na ordem que melhor conduza à conclusão.

Assim, por exemplo, em relatos jornalísticos ou em narrativas orais é muito provável a apresentação das situações numa ordem que favoreça ou prejudique interessados no relato. Em textos dissertativos e argumentativos "*stricto sensu*", (IV) é aplicado com freqüência. Observe-se, por exemplo, no texto "A dimensão do Brasil"<sup>23</sup>, como o autor dispõe as situações de modo a convencer o leitor do potencial brasileiro apesar da "sinistrose" que toma conta do povo: parte-se da exposição desse estado de espírito e apresentam-se argumentos para mudá-lo em termos da consciência do papel que podemos e temos de representar no cenário mundial.

3.2.6 - Razões ligadas à cognição podem influir na ordenação textual, quando se leva em con-

ta o fato de que a expressão de certas idéias é pré-requisito para o entendimento de outra(s). Assim, aquelas que são pré-requisito terão de aparecer em primeiro lugar no texto.

Isto pode ser observado, por exemplo, no texto “Jogo geométrico para crianças e adultos<sup>24</sup>”, onde a descrição das peças do jogo no primeiro parágrafo é necessária ao entendimento da explicação de como se joga no segundo parágrafo e por isso mesmo vem antes, no primeiro parágrafo. Aqui podemos postular, como hipótese, um princípio de ordenação textual, tal como proposto em (V).

(V) Se X é pré-requisito para compreensão de Y, X deve vir antes no texto.

3.2.7 - Finalmente, temos as razões de natureza pragmática ou prática influenciando na ordenação textual de situações. Assim, nos textos injuntivos que constituem um plano, como receitas culinárias e manuais de instrução para montagem e uso de aparelhos, as situações têm uma ordem referencial prática de realização para a consecução do plano e atingimento da meta, que é traduzida na ordem textual, onde as possibilidades de inversão são mínimas. Em roteiros de turismo, por exemplo, podemos ver que, com freqüência, as situações constituintes do passeio ou viagem são ordenadas no texto em função da facilidade de locomoção e/ou localização de lugares a serem visitados, portanto uma ordenação de caráter essencialmente prático e pragmático. Um exemplo disso pode ser visto sobretudo nos parágrafos quatro e cinco do texto “Pelas ruelas e ladeiras de São Luís<sup>25</sup>”, em que se apresenta um roteiro prático de passeio.

### *3.3 - Marcadores da ordenação textual*

Tratemos agora dos elementos lingüísticos ou marcas que aparecem no texto em função da ordenação textual, do tempo do texto. Estes elementos são recursos de coesão seqüencial por progressão, com encadeamento por justaposição através de partículas seqüenciadoras ou continuativas de frases ou seqüências textuais, pois dizem respeito à linearidade e à ordenação de partes do texto. Embora nos interesse particularmente o uso do verbo (suas formas e categorias) como elemento de ordenação textual, referiremos outros elementos que se relacionam com o verbo ou porque agem em conjunto com ele ou porque são capazes de substituí-lo.

Terão particular interesse na atuação dos elementos de ordenação textual dois tipos de verbo. Os primeiros são os que chamamos de enunciativos, por se referirem ao próprio ato de dizer. Estão neste grupo verbos como: falar, dizer, perguntar, responder, afirmar, citar, expor, replicar, protestar, murmurar, sussurrar, etc. No segundo grupo, temos os verbos que indicam como um tópico é enfocado, tratado ou dão modos ou formas de desenvolver ou encarar o tópico: ver, discutir, provar, apontar, colocar, exemplificar, especificar, esquematizar, explicar, analisar, considerar, tratar, demonstrar, resumir, retomar, levar em conta, referir, contar, relatar, descrever, etc. Podemos chamar este grupo de verbos de tratamento de tópico.

O verbo atua na ordenação textual de duas maneiras: a) por meio dos tempos: passado, presente, futuro; b) por meio do valor do seu semantema.

O tempo verbal de verbos enunciativos e de verbos de tratamento de tópico marca segmentos

da seqüência linear da superfície textual como anteriores (o passado), simultâneos (o presente) ou posteriores (o futuro) a um outro ponto da mesma seqüência e ao “momento” em que este é utilizado — produzido (falado, escrito)/recebido (ouvido, lido) — pelos usuários da língua, ou seja, ao momento da enunciação deste segundo na seqüência lingüística. Esta função dos tempos verbais foi exemplificada com comentários no item 2, quando apresentamos os exemplos (1) a (3). O texto deste artigo está cheio de exemplos. No segundo parágrafo anterior a este, quando usamos “referiremos”, o futuro indica: posteriormente neste texto. Neste mesmo parágrafo, quando usamos “foi exemplificada”, o passado indica: anteriormente neste texto. Vejamos em (6) e (7) alguns exemplos colhidos em Travaglia<sup>26</sup>.

(6) a - Neste estudo, portanto, **estaremos entendendo** função como<sup>27</sup> [...] **Estaremos admitindo** também que cada forma e/ou categoria verbal pode ter mais de uma função<sup>28</sup> [...] (O futuro indica: nas partes posteriores deste texto).

b- Como se **verá**, é impossível fazer um estudo textual-discursivo do verbo sem falar<sup>29</sup> (O futuro indica: nas partes posteriores deste texto).

c- **Dissemos** que o corpus é constituído, pela natureza mesma do estudo, por textos<sup>30</sup> (O passado indica: anteriormente neste texto).

(7) O que **estamos propondo** é que essa validade limitada é derivada de um valor de irrealidade que nasce do valor básico de marcador de posterioridade do futuro do pretérito, conforme discutido em 5.3.4.<sup>31</sup>. (O presente indica: nesta parte do texto em desenvolvimento agora).

Alguns verbos remetem, pelo valor de seu semantema a partes do texto ou a partes de unidades de composição do texto (parágrafos, itens ou seções, capítulos, etc.). Neste papel de ordenadores textuais, estes verbos vêm sempre acompanhados por verbos enunciativos ou de tratamento de tópico. Assim temos: a) verbos que remetem ao início do texto ou de partes deste: começar, iniciar, principiar; b) verbos que remetem ao meio do texto ou de partes deste: seguir, prosseguir, continuar; c) verbos que remetem ao final do texto ou de partes deste: acabar, terminar, finalizar, fechar, concluir. Vejamos alguns exemplos:

(8) a **Começamos** este capítulo **propondo** nossa hipótese, **prossequimos demonstrando** suas vantagens e desvantagens e **concluimos** pela sua validade (ou **terminamos dizendo** que se pode concluir pela sua validade).

b- **Início fazendo**-lhes uma proposta, **seguirei expondo** as razões que a motivaram e **terminarei dizendo**-lhes o quanto ganharemos pondo em prática o que proponho.

c- **Comecei contando**-lhes o que fez este rapaz, **prossigo perguntando** se sua ação não foge a todas os princípios morais e da lei e **finalizarei pedindo** sua condenação.

Os exemplos de (8) foram montados para exemplificar a atuação ordenadora destes verbos de forma bem sucinta e mostrando como podem se combinar com os tempos. Nos textos reais, podemos ter referências só ao início, ao meio ou ao final do texto ou de partes dele. Estes mesmos verbos podem ser usados desacompanhados de verbos enunciativos, indicando a ordem de apresentação no texto de certos elementos ou idéias. Neste caso, acrescenta-se aos verbos indicadores de posições

intermediárias no texto, o verbo “passar” ao lado de “seguir”, “prosseguir” e “continuar”. Vejamos alguns exemplos.

(9) Quase tão fascinante quanto as descobertas que graças a ele será possível realizar foi sua construção que levou cinco anos. **A começar** pela manufatura de seu espelho principal<sup>32</sup>.

(10) A cumplicidade do Estado é manifesta **desde** a indiferença das autoridades na manutenção física das estradas e vias públicas e no desprezo pela educação e repressão, **passando** pela impunidade avulzada pela legislação ultrapassada e condescendente que submete os infratores a penalidades mínimas, com direito a sursis e multas irrisórias **até** a ineficiência da Justiça que não dispõe de um órgão que centralize esse tipo de delito, tornando moroso e oneroso o andamento do processo<sup>33</sup>.

(11) Com todas as vantagens, que **começam** na finíssima chapa de alumínio, um prodígio da tecnologia nacional<sup>34</sup>.

No exemplo (10) as preposições “desde” e “até” poderiam ser substituídas respectivamente pelos verbos “começar” e “terminar”. Então teríamos: “A cumplicidade do Estado começa na (com a) indiferença [...] passando (ou passa)... multas irrisórias e termina na (com a) ineficiência da Justiça [...]”. Isto mostra que os verbos ordenadores textuais podem atuar em combinação com outros tipos de ordenadores que elencamos mais adiante. No exemplo (11), a propaganda continua dando as vantagens, mas sem usar ordenadores. Todavia os redatores poderiam ter escrito: “continuam na (ou passam pela) sua leveza (apenas 18 g), no (pelo) fato de permitir gelar a bebida mais rápido e não apresentar emendas e terminam na sua propriedade de não enferrujar”.

Dois outros verbos atuam como ordenadores textuais “preceder” e “seguir”. Referem-se a partes do texto que vêm indicadas. Quando não há indicação das partes, referem-se ao texto imediatamente anterior ou posterior. Veja o exemplo (12) para o verbo “seguir” e os exemplos de (13). No lugar desses verbos, é mais comum o uso dos adjetivos deles derivados: “seguinte” e “precedente”. No lugar de “precedente”, usase também “anterior”. O adjetivo “posterior”, que substituiria “seguinte”, não tem a mesma distribuição que este, equivalendo mais à preposição “após”. O adjetivo “seguinte” equivale mais ao adjetivo “próximo”. Veja exemplos de (14).

(12) Entendendo-se por fase qualquer ponto no desenvolvimento de uma situação, isto é, qualquer ponto do tempo pelo qual ela se estende desde o momento de seu início até o momento de seu término, podemos definir situação estática e dinâmica como **segue**.<sup>35</sup>

(13) a- Veja o comentário feito no trecho que **precede** o exemplo (38).

b- Nos capítulos que **seguem** expomos nossas descobertas sobre essa questão.

(14) a-? Veja o comentário feito no trecho **precedente** ao exemplo (38).

b- Veja o comentário feito no trecho **anterior** ao exemplo (38).

c- Nos capítulos **seguintes** expomos nossas descobertas sobre essa questão.

d- Nos **próximos** capítulos expomos nossas descobertas sobre essa questão.

e- Nos capítulos **posteriores** ao quarto expomos nossas descobertas sobre esta questão.

f- No capítulo **precedente** delineamos um quadro das possíveis causas deste fenômeno.

Além do tempo e dos verbos ordenadores textuais pelo valor de seu semantema, vários elementos atuam como marcas de ordenação textual. Além das preposições (veja “desde” e “até” no exemplo 10), e dos adjetivos vistos em (14), tem-se outros elementos de ordenação textual, como vários elementos adverbiais e numerais, todos com usos que implicam em ordenação textual, principalmente quando acompanhados de sintagmas que especificam trechos dos textos e/ou de verbos enunciativos ou de tratamento de tópico. A seguir, buscamos esboçar um quadro desses ordenadores em (15). A especificação de partes do texto pode ocorrer antes ou depois dos ordenadores, conforme o caso. O verbo enunciativo ou de tratamento de tópico aparece em quase todos os casos após os ordenadores.

<p>(15) a) No início, no começo, inicialmente, de início;  b) Em seguida, a seguir;  c) Finalmente, no final, no fim;  d) Seguinte, posterior, próximo,  - Precedente, anterior;  e) Primeiro, segundo, terceiro, etc.;  - Em primeiro, segundo, terceiro, etc.  f) Antes, agora, depois; lugar;  - Anteriormente, posteriormente;  g) Desde, até, após.</p>	<p>Verbo enunciativo ou de tratamento de tópico e/ou especificação de partes do texto.</p>
--	--

Ainda se podem ligar à ordenação textual certos numerais (veja exemplo 16a) e pronomes demonstrativos (veja exemplo 16b), que alguns classificam como “aposto distributivo”.

(16) a- João tem dois filhos Pedro e Paulo. O **primeiro** é marceneiro, o **segundo** músico.  
b- Pedi uma ajuda a Tereza e Raquel. **Esta** me ajudou; **aquela** se desculpou dizendo que estava muito ocupada.

As marcas de ordenação textual parecem ser mais utilizadas nos textos dissertativos, mas atuam também em outros tipos de texto, como os narrativos (veja exemplo 17) e os injuntivos (veja exemplo 18).

(17) **Começaremos** nossa história **dizendo** quem era o nosso herói e porque ele se tornou o guardião do cristal encantado... A **seguir contaremos** como nosso herói se apaixonou pela princesa.

(18) a- Para ligar a antena externa é preciso primeiro conectar o plugue que acompanha o televisor ao cabo da antena, procedendo do **seguinte** modo: [...] <sup>36</sup>.

b- Para isto é necessário eliminar o adaptador usualmente ligado à extremidade do cabo de antena e proceder conforme **explicação a seguir**: [...] <sup>37</sup>.

Casos como o do exemplo (10), em que temos preposições e verbo ordenador, mostram que os diferentes tipos de ordenadores textuais, inclusive o tempo, podem se combinar de diferentes maneiras, estabelecendo várias séries de ordenadores atuando na ordenação textual e marcando a ordem de situações e outros elementos no texto.

## Considerações finais

Como se pode observar, neste artigo limitamo-nos a levantar alguns fatos básicos para o estudo da ordenação textual, delineando as duas questões básicas envolvidas nessa ordenação: a) as razões e princípios que regem a ordenação; b) a existência de recursos lingüísticos que atuam na ordenação textual. Todavia, falta ainda estudar a ordenação textual de forma a encontrar regularidades dentro dos princípios que esboçamos como, por exemplo, se há uma hierarquia de aplicação dos mesmos. É preciso também aprofundar o estudo das marcas de ordenação textual, observando mais de perto se sua atuação apresenta ou depende de correlações com categorias de textos (tipos, gêneros e espécies) ou tipos de ordenador textual, inclusive em termos quantitativos. Se alguma dependência ou correlação existe se ela se apresenta sempre ou em alguns casos. Na segunda hipótese dizer em quais casos. Viu-se, em vários momentos, que de certa forma os tipos de texto influenciam a ordenação textual. Fica aqui o desafio para estabelecer mais detalhadamente estes fatos.

## Anexo 1

Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul

JOANESBURGO - Em uma atitude inesperada, mas justificável pelos acontecimentos dos últimos dias na África do Sul, o presidente Pieter W. Botha renunciou ontem ao cargo, afirmando que estava sem "cooperação" dos seus ministros. A carta de demissão foi entregue ao presidente da Suprema Corte, Michael Corbett. O chanceler "Pik" Botha informou que o líder do Partido Nacional (governista), Frederik W. de Klerk, também ministro da Educação, prestará juramento, hoje, como novo chefe de Estado. Botha explicou em mensagem pela televisão, que tomou a decisão de renunciar porque o chanceler Botha e o ministro Klerk decidiram viajar à Lusaka sem sua autorização. Lusaka é capital da Zâmbia e os dois pretendiam se encontrar com o presidente Kenneth Kaunda. Botha, que há vários dias enfrenta a oposição de seu gabinete, lembrou que havia expressado sua negativa quanto à viagem dos dois. O presidente disse que a viagem "é inoportuna" porque o Congresso Nacional Africano (CNA), principal grupo de oposição, goza da proteção do presidente Kaunda. O CNA foi proscrito no país em 1960, passando seu "quartel general" para Lusaka.

Segundo Botha, numa reunião do gabinete ministerial ontem pela manhã, seus ministros lhe propuseram que deixasse o poder, por razões de saúde, e que designasse interinamente um substituto até às próximas eleições parlamentares de 6 de setembro, quando o Parlamento nomearia o próximo chefe de Estado. Ele não se mostrou disposto a seguir esta proposta, pois não queria falar uma "mentira". Nesse caso, sua renúncia seria válida a partir de 15 de agosto. Ele reconheceu que a viagem dos dois ministros só precipitou a crise, que é de confiança entre o chefe de Estado e seus ministros. Esclareceu, ainda, detalhadamente, os diversos vínculos do CNA com o governo de Lusaka e o papel de Kaunda no conflito entre os dois países. Com 73 anos de idade, Botha foi o chefe de Estado mais poderoso do país e sua permanência no poder só não superou a do seu predecessor Balthazar Johannes Vorster, que governou por 12 anos até ser forçado a renunciar em meio a um escândalo de informação.

"Ficou evidente, para mim, que após todos esses anos em que dediquei todo o meu trabalho ao Partido Nacional, ao governo e à segurança do nosso país, estou sendo ignorado por ministros que servem ao meu gabinete", denunciou Botha, acrescentando: "Conseqüentemente, não tenho outra escolha senão anunciar a minha renúncia".

Fonte: *Estado de Minas*. Belo Horizonte, ano LXII, n. 17.724, p. 17, 15 ago. 1989.

Ordenação referencial

Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 15 ago. 1989. Ano LXII, n. 9 17.724., p.17. (Só se apresenta a ordenação da narrativa central na notícia).

1.1 Pretendia se encontrar	1.2 Havia expressado	1.3 Decidiram viajar	1.4 precipitou	1.5 Propusera ↓			
				1.5.A.1 deixasse	1.5.A.2 designasse	1.5.A.3 Seria válida	1.5.A.4 nomearia

1.6 Não se mostrou ↓	1.7 Ficou evidente	1.8 Tomou a decisão de renunciar	1.9 Renunciou ↓	1.10 Anunciar a minha renúncia ↓	1.11 prestará
1.6 Não queria falar			1.9.A Foi entregue ↓ 1.9 afirmando	1.10.A - informou 1.10.B - explicou 1.10.C - lembrou 1.10.D - disse 1.10.E - Segundo Botha [informou] 1.10.F - reconheceu 1.10.G - esclareceu 1.10.H - denunciou 1.10.I - acrescentando	

#### Convenções usadas na ordenação referencial

Algarismos romanos – identificam as diferentes narrativas.

Algarismos arábicos – indicam a ordem referencial (cronológica) das situações.

Letras maiúsculas (A, B, C, ...) – identificam casos de situações que são simultâneas a outra porque são partes desta ou fases dela ou então situações que exemplificam, especificam, são consequência, etc. da outra. Estas situações podem ou não constituir seqüência.

Letras minúsculas (a, b, c, ...) – identificam seqüências de situações simultâneas a outra situação ou seqüência.

A seqüência pode ser unitária, isto é, de uma só situação.

↕ - situações simultâneas

## Anexo 2

### Texto 1

Neblina na pista: redobre a atenção

Os motoristas mais precavidos costumam dizer que a melhor maneira de se guiar na neblina é não guiar na neblina. Mas, como enfrentar o tempo é na maior parte das vezes inevitável, quem pega a estrada nesta época de frio de julho e agosto, em que os nevoeiros não costumam dar trégua aos viajantes, torna-se necessário observar alguns cuidados que a Fiat Automóveis recomenda:

- A primeira medida a ser tomada pelo motorista que entra num trecho de estrada com neblina é acender as luzes de posição e os faróis baixos. Simultaneamente, deve-se reduzir a velocidade.

- Nunca acenda o farol alto. Ele ofusca a vista do motorista que trafega em sentido oposto e o reflexo de seu fecho

na névoa cria diante de seu próprio carro uma cortina que o impede de enxergar adiante.

- Fique de olho na borda da estrada. A sinalização horizontal será de grande importância para sua orientação.
- Jamais ultrapasse sob neblina.

- Nunca siga de perto um veículo que trafega à sua frente. Sob a neblina ou não, este é sempre um grande perigo. Qualquer freada mais brusca torna o choque inevitável. A proximidade com o pára-choque do carro à sua frente impede que você perceba mudança de velocidade do veículo.

- Acione sempre o limpador de pára-brisa. Quando se trafega na neblina é comum ocorrer o depósito de uma camada de água sobre o vidro, prejudicando ainda mais a visão.

- Lembre-se: o pisca-alerta serve apenas para sinalizar “veículo parado”. Portanto, se você usa o pisca-alerta com o carro em movimento, corre o risco de parecer estacionado, tanto para quem trafega no mesmo sentido, como para quem vem em sentido contrário.

- Nunca pare na estrada. Busque o acostamento, o mais distante possível da pista de rodagem e, só então, ligue o pisca-alerta.

- Se o nevoeiro é intenso, a estrada mal sinalizada e a decisão é parar, o melhor é fazê-lo num posto de gasolina ou num restaurante à beira da estrada, até que se tenha melhores condições de dirigibilidade.

#### Cuidados gerais

Como nunca se sabe quando se vai encontrar este tipo de situação, é bom ter sempre o carro funcionando em perfeito estado, com os dispositivos necessários em condições de serem usados a qualquer instante. Assim, a Fiat Automóveis sugere que se verifique:

- Funcionamento das luzes de posição e outras lanternas.

- Regulagem dos faróis dianteiros. Desregulada, a luz baixa funciona como alta, que, na neblina, nunca lhe servirá. Os veículos da linha Fiat, aliás, dispõem de regulagem dos faróis para condições de carga completa e parcial, que evita a elevação dos facho quando, com peso, a parte traseira do veículo se baixa.

Fonte: *Jornal da Tarde*. Jornal do carro, Caderno de serviço. São Paulo, ano 24, n. 7283, p.10-B, 16 ago. 1989.

## Texto 2

Bali – Perca-se na beleza e na magia desta ilha. Ela oferece todos os prazeres e uma amostra do paraíso.

Contrarie o bom senso e perca-se em Bali. Pode parecer estranho que este seja o primeiro conselho a quem realmente queira desvendar os mistérios desta pequenina ilha no Oceano Índico, um paraíso mágico localizado no outro lado do mundo, no arquipélago da Indonésia, logo abaixo da linha do Equador. O bom senso recomendaria ao visitante a companhia inseparável dos guias turísticos locais, o uso obsessivo de mapas, roteiros programados e uma obediência fiel às recomendações fornecidas pelos hotéis. Conselho amigo: esqueça tudo isso e siga seus próprios passos e intuições. Exerça, conscientemente, sua irresponsabilidade. Em primeiro lugar, é preciso descobrir vantagens numa desvantagem fundamental. Ou seja, a do visitante não ser um balinês, um ilhéu nato. Por mais que você tente se embrenhar na ilha, jamais deixará de ser um outsider. Aquele sorriso inacessível dos homens e mulheres de Bali sempre deixa claro que, em muitos ambientes, turista não entra mesmo. Certas festas íntimas dos vilarejos, certos “clubes” dos homens da comunidade, certas cerimônias religiosas visitam-se apenas através da imaginação.

As pessoas que realmente entram na intimidade da ilha precisam ter nascido no lugar, pertencer a uma das três castas e conhecer quatro línguas diferentes - o sânscrito, usado entre os bramas: o kawi, a língua exclusiva dos rituais; e ainda outras duas línguas familiares, usadas entre as castas. Mas é justamente essa impossibilidade de entrar que dá ao estrangeiro maior liberdade de observação. E isso é precioso. Bali sabe como e quando se exibir aos de fora. O calendário anual de festas inclui cerca de 25 mil cerimônias (e, note-se, o ano balinês tem apenas 210 dias); por isso, não há o menor risco de se visitar a ilha sem se presenciar o ritual da cremação, quando todo o povo de uma vila se reúne, alegre e dançante acompanhando o morto até as cinzas derradeiras. Não existe tristeza aqui, só a exaltação da liberdade espiritual. Também não há perigo de não se cruzar com um *odalam*, a festa que sempre inaugura os templos, quando as mulheres ajeitam oferendas magníficas em bandejas de prata. Afinal, é preciso saciar o apetite dos maus espíritos.

Os templos estão em toda parte na ilha. Qualquer vila tem pelo menos três deles, que são o ponto de convergência de um povo que acredita em onze céus diferentes, e em um número variável de deuses, que tanto podem ser uma simples pedra como uma criança. Em Agung, brota no visitante aquele desejo sincero de se perder entre os sessenta templos da montanha,

uma espécie de Olimpo balinês, onde o ar é deliciosamente fresco. Todo esse misticismo é praticado com absoluta espontaneidade pelos ilhéus. Eles se organizam no *banjar*, uma espécie de cooperativa de vizinhos, só para dividir as despesas com as cerimônias religiosas. Nada pode faltar aos espíritos — nem aos bons, nem aos maus. Nesses momentos de exaltação ao divino, o balinês entra em transe, um espetáculo assustador e até mesmo histórico. Faz lembrar os tempos remotos, quando o islã se apoderou de toda a Indonésia - toda, menos Bali. Nessa ilha, os *satrias* e os *wesia*, as castas guerreiras hinduístas, enfrentaram os invasores em estado de transe total. Matavam e morriam às centenas. Sempre sorrindo.

#### *Bali: eis a ilha da fantasia*

Mas não se assuste. Os balineses não agridem o visitante. Os nativos é que são violentados pelas multidões de turistas australianos e japoneses, que se valem da proximidade geográfica para mergulhar, em massa, nos encantos da ilha. É o que se percebe em Denpasar, a capital, localizada ao sul. Lá estão os hotéis luxuosos, as cerimônias fingidas, o artesanato falso. Sob o aspecto da autenticidade, Kuta Beach não passa de uma profunda decepção. Mas aí é que começa a desobediência ao bom senso. Depois de se desvencilhar de todos os passeios turísticos sugeridos pelas agências, é fundamental vagabundear, andar a pé pelas ruas, dizer “não” a todos os táxis (sempre caros) e alugar um jipe ou moto, os únicos veículos capazes de uma boa performance na acidentada geografia da ilha.

Aquele cheiro de sândalo que já saúda o turista no aeroporto vai persegui-lo nos becos, nos caminhos estreitos. Escolha ao acaso uma estrada e siga em frente. É possível que você cruze os pantanais e chegue a Negara, conhecendo alguns dos muitos vulcões extintos. Ou ainda que você atinja as praias orientais de Amlapura; e, nelas, termine por se entregar às mãos sábias das velhas massagistas que vagueiam pelas areias. Em Ubud, a antiga capital, não dê ouvidos à arruaça dos turistas (Ubud é uma espécie de centro artístico de Bali) e passeie a pé, cruze a ponte que leva a Penestan e descubra os pintores *naives*, que retratam deuses para deleite próprio. Em Sukawati, aproxime-se dos *dalang*, artistas que trabalham com teatro de sombras. Entre nos *prahos*, canoas que atravessam o grande lago de Bratan, ou solte a vista pelos arrozais, cultivados em patamares nas encostas dos vulcões. Vá longe, vá fundo e esqueça as direções. Saiba que em busca de alguma informação indispensável, o inglês funciona como a língua de sobrevivência em Bali. Há sempre uma jovem vestida com um pareô floral, disposta a ceder um sorriso e uma boa informação. Ela poderá indicar o melhor restaurante para se saborear o *nasi goreng* - um risoto típico; saberá sugerir uma costureira de confiança para confeccionar, sob medida, algum traje em seda oriental, assim como um bom espetáculo de dança, algum massagista eficiente (a massagem obedece princípios hinduístas e começa com um *peeling* à base de pó-de-arroz, amêndoas e água). Ou, quem sabe, ela vai revelar a você a direção das praias onde se pratica o nudismo, sem qualquer constrangimento. Padangbai é uma delas. Finalmente, dê uma chance ao bom senso e não deixe de conhecer os pontos nobres da ilha, como a praia de Seminyak. Lá, bangalôs não existem: só mansões, lindas, luxuosas, confortáveis e palácios para pouquíssimos usuários; como Mick Jagger, que é habitué de Bali.

#### *Guia prático*

*Onde ficar.* Há acomodações para todos os gostos. Desde os bangalôs típicos das praias de Kuta e Legian até hotéis luxuosos, como o Tandjung Sari, o preferido de Aga Khan. O telefone é 8441. Vale a pena conhecer os novos e modernos hotéis da praia de Nusa Dua, na ponta da ilha. Onde comer. Os bons hotéis garantem refeições de qualidade, inclusive as típicas. Mas não hesite em tentar os restaurantes mais simples da ilha. Neles, você seguramente irá saborear algumas versões do nasi goreng ou riejstafel, pratos feitos à base de arroz frito, combinando carnes diversas. No Bali in Dahn, na praia de Kuta, prove a “sopa dos deuses”, com frutos do mar. O que ver. Pode-se requisitar um guia no próprio hotel. Ele vai sugerir excursões partindo de Denpasar para o lago Batur, para Ubud ou Budugul (onde você encontrará o artesanato da ilha). Mas o melhor é alugar um jipe e circular por toda Bali. *O que comprar.* Roupas em patchwork estão à venda em Kuta. Em Ubud, encontram-se quadros e objetos em madeira entalhada (até móveis). E os tecidos do Oriente lotam as lojas de Denpasar especialmente as da rua principal, Jalan Gajah Mada. Praias. Lindas, algumas com areia quente (característica das regiões vulcânicas). Ao contrário do que se pensa, os pontos para surf são poucos. Ulu Watu é o melhor deles, segundo o jovem João Orleans e Bragança, um pioneiro nesse esporte em Bali.

*Informações gerais.* A agência Latin Express, no Rio, promove viagens mensais para Bali. O telefone é (021) 221-8380. Seu representante em São Paulo é a Agaxtur, telefones (011) 881-7755 ou (011) 259-8533. Mais detalhes podem ser solicitadas à Garuda Indonésia PO BOX 1028, Denpasar, Bali.

Fonte: *Elle*. São Paulo: Ed. Abril, ano 2, n. 10, p.196-200, outubro de 1989.

### Texto 3

#### A questão ecológica

Tem especial interesse, face à onda de preocupações internacionais com o desmatamento na Amazônia, a informação de que os incêndios em florestas da França assumem um ritmo extremamente acelerado, a ponto de prosseguindo os índices registrados neste mês, todos os parques e reservas florestais daquele país poderem ser destituídos em 80 semanas. Nada seria mais tolo do que ver este fato como pretexto para negar as repercussões do problema da floresta amazônica.

Cabe, entretanto, ver a questão da ecologia com um mínimo de equilíbrio e isenção — e a atitude de alguns setores nos países desenvolvidos, como querer eleger o Brasil como inimigo número um da sobrevivência do planeta, está longe de refletir esta necessidade. O grau dos prejuízos causados ao meio ambiente pelas atividades industriais das grandes potências econômicas — sem contar os experimentos que realizam com a energia atômica — parece momentaneamente obscurecido diante da histeria internacional em relação ao problema da Amazônia. Esperar de um país atolado na mais séria crise econômica que disponha de recursos próprios para uma exploração cuidadosa de seu próprio território; imaginar que seja possível fiscalizar com eficiência a imensa região da floresta equatorial brasileira numa circunstância de total colapso dos serviços públicos demonstra apenas, o emocionalismo e a desinformação com que o debate tem sido conduzido.

É o mesmo emocionalismo, aliás, que tem inspirado atitudes de pura xenofobia e de pretensa defesa da integridade territorial do país — ponto que está fora de questão — cada vez que se avolumam denúncias contra a devastação da Amazônia. Seria puro suicídio investir numa política de “a devastação é nossa”; do mesmo modo, nada mais equivocado que fazer da preocupação com o meio ambiente o monopólio de alguns iluminados do Primeiro Mundo que teriam de advertir os selvagens abaixo da linha do Equador sobre os prejuízos que estejam causando à humanidade. O problema da ecologia, no Brasil, é sobretudo o da miséria e do despreparo tecnológico; nos países desenvolvidos, o da inconsciência e do descontrolo. Não são advertências abstratas mas a cooperação global das economias desenvolvidas com os problemas do Terceiro Mundo que poderá apontar para alguma solução concreta para o problema ambiental.

Fonte: *Folha de S. Paulo*. São Paulo, ano 69, n. 22.049, p.A-2, 15 ago. 1989.

### Texto 4

#### A festa de Santa Efigênia

Coelho Neto

Dias antes da festa reuniam-se na igreja centenas de negras traziam todas a carapinha empoada de ouro e cantando lavavam as tábuas do templo, floriam os altares, vestiam as imagens, tapeçavam o adro de folhas, aromáticas. No dia da festa famílias negras arranchavam-se nas imediações da igreja e os tambores de África estrugiam, vinham os descantes crioulos e a mulata, airosa e trêfega, saía pela areia semeada de rosas, nos passos do samba; mas, quando os coros sagrados começavam, acudiam todas, as mulheres descobriam as cabeças e o ouro reluzia ao sol maravilhoso. Ao fim da cerimônia irrompia o canto feminino e as negras, uma a uma, cantando, baixavam as cabeças na pia e lavavam a carapinha, e o ouro depositava-se no fundo do lavabo santo — era a oferenda dos cativos à santa misericordiosa. E fora, à luz viva, os negros batucavam nos atabaques, saudando com alarido as mulheres que voltavam gotejantes e louvando o Deus do céu e a santa da devoção.

Fonte: OLIVEIRA, Cleófano Lopes de. *Flor do Lácio*. São Paulo: Saraiva, 1965, p. 121.

### Texto 5

#### A dimensão do Brasil

Miguel Reale

O grande juriconsulto Tullio Ascarelli, exilado em São Paulo, como professor visitante da USP, além de ter contribuído para a modernização de nossos estudos comerciais e tributários, deixou-nos um pequeno e precioso livro intitulado *Retrato do Brasil*. Nessa obra, Ascarelli examina vários aspectos de nossa cultura e nossa gente, salientando que uma das notas distintivas da alma brasileira é a do “hipercriticismo” em relação às próprias coisas. Teria, assim, havido uma alteração de 180 graus a partir do “eufanismo” do princípio do século, que por sinal dava mais ênfase aos valores da natureza do que aos méritos dos homens.

Ora, essa tendência a uma exagerada autocrítica tem descambado, nos últimos tempos, não sem razão, para um estado de espírito que qualifiquei de “sinistrose”, palavra que me pareceu correspondente à triste época que estamos

vivendo, às voltas com uma crise ao mesmo tempo moral, política, econômica e financeira. Desse modo, se antes atribuía-mos a fatores externos a raiz de todos os males, passamos a uma atitude de masoquismo que nos tem feito perder o senso de equilíbrio. Longe de mim a idéia de excluir nossa principal responsabilidade por essa aziaga trajetória, mas é tempo de reconhecer certos fatos e situar-nos com mais objetividade no contexto das relações internacionais, neste momento em que a nação brasileira está na berlinda, alvo de ataques proferidos por chefes de Estado, banqueiros ou ecologistas, todos empenhados em apontar-nos como desmerecedores de qualquer crédito.

Impõe-se-nos, pois, o dever de fazermos valer o balanço de nossa situação real, sem reduzir, de um lado, a carga de nossos desacertos, que um governo irresponsável agravou com sucessivos escândalos, mas também sem olvidarmos a dimensão que, apesar dos pesares, passamos a ocupar no concerto geral das nações, e não apenas no cenário latino-americano. Essa mais serena tomada de consciência de nós mesmos vai auxiliar-nos a compreender certas críticas contundentes e desabonadoras desfechadas por norte-americanos e europeus. O problema deve, antes de mais nada, ser posto em termos de geopolítica, ou, por melhor dizer, em função das perspectivas de nosso desenvolvimento, não obstante o peso sufocante das dívidas externa e interna, está bem mais preocupante do que aquela, como o têm reconhecido nossos economistas menos alarmistas.

Ora, o dado inicial, do qual devemos partir, é o reconhecimento de que, queira-se ou não, nos tornamos a 8ª economia industrial do mundo, ocupando também posição de vanguarda na produção de grãos, com a soja ameaçando os interesses norte-americanos. Compreende-se, pois, mas não se justifica, a estranha atitude do presidente George Bush desaconselhando os japoneses a financiarem a construção de uma rodovia destinada a ligar o Acre ao Peru, facilitando o escoamento de soja ou de milho para os mercados asiáticos... É claro que não houve a lealdade de declarar o real motivo dessa oposição, preferindo-se colocar a questão em termos de proteção à floresta amazônica... Há dias, em nota bem fundamentada, um colunista de *O Estado de São Paulo* demonstrava quais são as razões pelas quais o governo norte-americano teima em ignorar a existência do Brasil, sexto produtor mundial de aço, ao prorrogar, sem qualquer aumento, por mais dois anos, "os chamados acordos de restrição voluntária (*"voluntary restraint agreement"*) para as cotas de importação de aço, assinados em 1984". É significativo que, ao serem trancadas essas e outras possibilidades de acesso aos mercados da grande república do norte, com total olvido de tão apregoado liberalismo econômico, se perceba a rigidez no tratamento de nossa dívida externa, por mais que tenham sido desastrosas as diretrizes da política econômica seguida pelo atual governo, tão imprecisa quanto mal aplicada.

Não tenho ilusões quanto ao risco que a economia brasileira possa representar, no momento, para os interesses internacionais em jogo, mas problemas dessa natureza devem ser postos e examinados segundo parâmetros de longo alcance, os quais talvez nos auxiliem a compreender melhor as medidas de cerco protecionista que têm atingido diversos setores de nossa produção. Há casos em que um mal disfarçado "colonialismo", ainda persistente em certas potências européias, explica a prevenção contra nossa presença cada vez mais significativa no plano agrícola e industrial, fato este que demonstra haver, na sociedade brasileira, potenciais de desenvolvimento que nem sequer os erros políticos de Brasília, com seus malogrados "planos econômicos", conseguem obstacular. Dentro de um quadro dessa natureza, se devemos corajosamente assumir a responsabilidade por nossos próprios erros, não devemos perder de vista o cenário internacional, onde a última máscara destinada a encobrir suspeitos interesses é a hipócrita defesa de valores ecológicos que a tecnologia dos países superdesenvolvidos é a primeira a agredir. Infelizmente, a atual Constituição, com a sua notória xenofobia e perdida no ilusório sonho de uma autarquia econômica nacional, veio dar àqueles que reagem contra nossas tolas pretensões de insulamento, buscando, por outras vias, apertar o cerco fatal à nossa afirmação como um povo capaz de desenvolver-se, superando os desequilíbrios sociais e regionais que tornam tão aguda e contrastante a crise brasileira.

Miguel Reale, 77, jurista, é membro da Academia Brasileira de Letras, professor emérito e ex-reitor da USP - Universidade de São Paulo.

Fonte: *Folha de S. Paulo*. Seção Tendências/Debates. São Paulo, ano 69, n.22.049, p. A-3, 15 ago. 1989.

## Texto 6

Jogo geométrico para crianças e adultos

*Lance final* - Jogo para dois jogadores fabricado pela Manufatura de Brinquedos Estrela S.A.

Os leitores que gostaram dos pentaminós (*Superinteressante*, número 9, ano 3) vão adorar *Lance Final* um jogo rápido, inteligente e baseado integralmente em formas geométricas - no caso, formas geradas a partir de um módulo hexagonal. O equipamento do jogo consiste em um tabuleiro e dois conjuntos de peças, um azul que fica com um dos jogadores

e outro branco que fica com o adversário. Cada conjunto é composto de treze peças formadas com um número variável de hexágonos adjacentes. Há peças com um, dois, três e quatro hexágonos. O tabuleiro contém oito áreas, cada uma das quais abriga espaço para certo número de módulos hexagonais.

A mecânica do jogo é simples e eficiente: os jogadores se alternam colocando uma peça por vez à sua escolha, em qualquer uma das áreas. Aquele que fizer o lance final para completar uma área, isto é, terminar de preenchê-la, ganha tantos pontos quantos forem os módulos daquela área. Para registrar isso, ele coloca um tampão de sua cor num dos módulos. Em seguida, ganha o direito de jogar de novo. E assim o jogo prossegue até que nenhum dos dois consiga instalar mais nenhuma peça. Então o vencedor será o que tiver o maior total de pontos. A primeira vista parece um bom negócio ocupar logo de saída as áreas menores com as peças maiores, mas algumas partidas (e algumas derrotas) logo ensinarão que as coisas não são assim tão simples: as peças grandes têm um grande poder de fogo na luta pelas áreas mais valiosas do tabuleiro. *Lance Final* proporciona uma agradável oportunidade para o exercício do raciocínio geométrico, pois requer constante avaliação das rotações e translações das peças disponíveis. Suas regras fáceis e sua curta duração permitem que adultos e crianças divirtam-se conjuntamente com um bom nível de interesse comum. Quanto ao aspecto físico do produto, cabe elogiar o bom nível das peças plásticas - sem rebarbas, bonitas e duráveis. Um único reparo: o tabuleiro podia ser um pouco mais espesso, fazendo justiça à boa qualidade das peças.

Fonte: *Superinteressante*. São Paulo: Abril, a. 3, n. 10, p.86, out. 1989.

## Texto 7

### Pelas ruelas e ladeiras de São Luís

Conhecida carinhosamente como “Ilha dos Amores”, “Atenas Brasileira”, “Cidade dos Azulejos” ou “Cidade de Portugal”, São Luís no Maranhão tem muito o que contar. Com uma área urbana pequena — 905 quilômetros quadrados —, esta ilha oferece dez praias para todos os gostos e três mil sobrados coloniais e velhos casarões históricos o que acabou transformando-a em cidade monumento. Portanto, prepare-se para uma boa caminhada entre ruelas e ladeiras para descobrir, além da hospitalidade maranhense, toda a beleza e mistério desta ilha, ligada ao continente por duas pontes.

São Luís foi berço da tribo de índios tupinambás até 1612, quando foi fundada oficialmente por franceses comandados por Daniel de La Touche, em setembro do mesmo ano. Depois de ser invadida pelos portugueses em 1615 e tomada pelos holandeses em 1641, finalmente foram os portugueses que, em 1644, dominaram definitivamente o local deixando o legado dos palacetes com os azulejos portugueses de todas as cores, que naquela época tinham uma finalidade mais prática do que estética: proteger contra a maresia.

Os sobradões são belíssimos. A maioria tem sacadas e mirantes usados antigamente para avaliar a carga de algodão à distância no porto - e todos são recobertos com telhas francesas, com portais e janelas emolduradas em mármore de lioz ao lado das pedras de cantarias que recobrem grande número dos casarões, um passeio pelos becos e ruas da cidade é sem dúvida um convite mágico e fascinante. Comece pelas ruas que formam o centro histórico da capital que fica na Praia Grande. É a parte mais antiga da cidade que abrange diversas ruas como a do Trapiche, a da Estrela — onde fica o Cafuá das Mercês (único mercado de negros ainda de pé no País e que atualmente funciona como museu) —, a de Portugal e a da Direita, que cruza a Rua Formosa no Largo do Carmo. De lá para a Praça Pedro II é um pulo. Subindo pelo Beco Catarina Nina I você encontrará o Palácio dos Leões, construído em 1776 e atual sede do Governo, e o Palácio de La Ravardiére, onde já funcionaram a cadeia e a Casa da Câmara e, hoje, fica a Prefeitura. A Fonte do Ribeirão, com cinco carrancas de onde jorra água natural, possui três acessos às diversas galerias. Ali, assistir às apresentações folclóricas do bumba-meu-boi é atração obrigatória. Preste atenção aos nomes curiosos das ruas e praças da cidade: Largo dos Amores, dos Remédios, da Paz, da Inveja, Formosa, Afogados e Beco de Prensa, entre outros, todos indicados em placas de azulejos nas esquinas. E é numa das mais curiosas — a Rua do Sol — que fica o Museu Artístico e Histórico do Maranhão, com 150 anos e dono de um acervo de valiosas e raras peças de arte sacra. Não se esqueça de visitar o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho e o Museu do Folclore, na mesma região.

Até o fim de setembro, São Luís abriga a tradicional festa folclórica do bumba-meu-boi. Nela os participantes “matam” os bois para satisfazer o desejo de “Mãe Catirina”, mulher de “Pai Francisco”, que desejou comer a língua do animal. Em São José do Ribamar, a 31 quilômetros de São Luís, a festa do santo que dá nome à cidade também é em setembro, mas só durante os dez dias de lua cheia. Portanto, aproveite para fugir do frio e rume para lá.

Fonte: *O Globo*. Caderno de Turismo. Rio de Janeiro, a. LXV, n. 20.357, p.3.17, ago. 1989.

## Referências

- COROA, Maria Luiza Monteiro Sa1es. *O tempo nos verbos do Português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a construção da coerência temporal*. Campinas, SP: Unicamp, jan. 1990, 24 p. Texto inédito.
- DOWTY, David R. (Org.). *Tense and aspect in discourse*. Dordrecht/Boston/ Lancaster/Tokyo: D. Reidel Publishing Company, 1986. p. 63-82.
- DOWTY, David R. The effects of aspectua1 class on the temporal structure of discourse: semantics or pragmatics. *Linguistics and philosophy*, v. 9, n. 1, 1986.
- DOWTY, David (Ed.). *Tense and aspect in discourse*. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo: D. Reide1 Publishing Company, 1986, p. 37-61.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Principais mecanismos de coesão textual em português*. Campinas, SP: Unicamp, 1988, 8 p. Cópia de texto inédito,
- \_\_\_\_\_. *A Coesão textual*, São Paulo: Contexto, 1989.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- LABOV, Willian. The transformation of experience in narrative syntax. In: *Language in the inner city. Studies in the black english vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, p. 354-396.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Une confrontation dans le langage. *Langage et société*. Paris: Maison des Sciences de L'Homme, n. 46, p. 45-66, déc. 1988.
- REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947, apud COROA, 1985 e DOWTY, 1986.
- SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. Lisboa: Caminho, 1986.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge: University Press, 1987, apud COROA, 1990.
- TAVARES, Hênio. Último da Cunha. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil*. 1991. 330+124 p. Tese (Doutorado) - IEL/Unicamp, Campinas, 1991. Disponível em [www.ileel.ufu.br/travaglia](http://www.ileel.ufu.br/travaglia).
- \_\_\_\_\_. Típelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina (Org.). *Língua Portuguesa pesquisa e ensino – vol. II*. São Paulo: EDUC/ Fapesp, 2007, p. 97- 117.
- VAN DIJK, Teun A. News schemata. In: COOPER, Char1es R.; GREENBAUM, Sidney (Org.). *Studying writing: linguistic approaches*. London/Bever1y Hi11s/New De1hi: Sage Publications, 1986, p. 155-185.

## Notas

- 1 Este artigo se baseia essencialmente em TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil*. 1991. 330+124 p. Tese (Doutorado) – IEL / Unicamp, Campinas, 1991. Disponível em: [www.ileel.ufu.br/travaglia](http://www.ileel.ufu.br/travaglia).
- 2 Cf. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 84.
- 3 Por situação entendemos todos os tipos de processos indicados pelo verbo ou não: ações, fatos, fenômenos, estados, eventos, etc.
- 4 Esses três planos equivalem em parte aos propostos por SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge University Press, 1987,p. 228, apud COROA , 1990, com nomes distintos: tempo de referência (= enunciação), do evento (= referencial) e do discurso (= do texto) e se relacionam com a proposta de REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947, apud COROA, 1985 e DOWTY, 1986.
- 5 Cf. TRAVAGLIA, 1991.
- 6 Veja os recursos de coesão seqüencial por progressão com encadeamento por justaposição em KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Principais mecanismos de coesão textual em português*. Campinas, SP: Unicamp, 1988, 8p. Cópia de texto inédito; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A Coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

- 7 Talvez seja por isso que LABOV, William. "The transformation of experience in narrative syntax" in *Language in the inner city. Studies in the black english vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 354-396, define a narrativa como "um método de recapitular experiência passada pela equiparação de uma seqüência verbal de orações à seqüência de acontecimentos que (se infere) ocorreu realmente" (p. 359-360.).
- 8 Cf. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 78.
- 9 Veja o princípio de ordenação referencial de situações em TRAVAGLIA, 1991.
- 10 SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. Lisboa: Caminho, 1986, p. 14.
- 11 Cf. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez, 1989; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- 12 Sobre o que entendemos por tipo, gênero e espécie veja-se TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipeamentos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina (Org.). *Língua Portuguesa pesquisa e ensino* – vol. II. São Paulo: EDUC/Fapesp, 2007, p. 97- 117.
- 13 Cf. TRAVAGLIA, 1991.
- 14 Cf. VAN DIJK, Teun A. News schemata. In: COOPER, Charles R.; GREENBAUM, Sidney (Org.). *Studying writing: linguistic approaches*. London/Beverly Hills/New Delhi: Sage Publications, 1986, p. 155-185.
- 15 Cf. Anexo 2, texto 1.
- 16 Cf. Anexo 2, texto 2.
- 17 Cf. Anexo 2, texto 3.
- 18 Cf. ORLANDI, Eni Pulcinelli. Une confrontation dans le langage. *Langage et société*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, n. 46, p. 48, décembre 1988.
- 19 Cf. Anexo 2, texto 4.
- 20 Cf. DOWTY, David R. The effects of aspectual class on the temporal structure of discourse: semantics or pragmatics. *Linguistics and philosophy*, v. 9, n.1, 1986; DOWTY, David (Org.) *Tense and aspect in discourse*. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo: D. Reidel Publishing Company, 1986, p. 50.
- 21 FONSECA, Rubem. Passeio Noturno. In: *Os melhores contos brasileiros de 1973*. Porto Alegre: Globo, 1974. p. 179-181.
- 22 Cf. TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974, p. 338-340.
- 23 Cf. Anexo 2, texto 5.
- 24 Cf. Anexo 2, texto 6.
- 25 Cf. Anexo 2, texto 7
- 26 Cf. TRAVAGLIA, 1991.
- 27 Cf. TRAVAGLIA, 1991, p. 18.
- 28 Cf. TRAVAGLIA, 1991, p. 19.
- 29 Cf. TRAVAGLIA, 1991, p. 19.
- 30 Cf. TRAVAGLIA, 1991, p. 19.
- 31 Cf. TRAVAGLIA, 1991, p. 224.
- 32 Um espelho para o cosmo. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, ano 3, n. 11, p. 37-41, nov. 1989.
- 33 MAGALHÃES, Ana Maria. 'Otários' do verde contra 'heróis' do vermelho. *Jornal do Brasil*. Caderno Cidade. Rio de Janeiro, ano XCIX, n. 12915, ago. 1989..
- 34 PUBLICIDADE: Reynolds e Alcan estão lançando no Brasil a lata mais avançada do mundo. *Veja*. São Paulo: Ed. Abril, ano 23, n. 11, p. 12-13, 21 mar. 1990.
- 35 TRAVAGLIA, 1991, p. 54.
- 36 Ligação das antenas externas. *Manual de Instruções do TV Phillips* 14. CT 6401/UV, p. 2.
- 37 VAN DIJK, 1986, p. 155-185.